

3. Género e condições de vida

OC - (22797) - "O RACISMO ESTRUTURAL NÃO FAZ PAUSAS NO BLOCO DE PARTOS" - RETRATOS DE EXPERIÊNCIAS OBSTÉTRICAS E AS INTERSEÇÕES DO RACISMO E DO SEXISMO

Laura Brito (Portugal)¹; Karla Costa (Portugal)²; Carolina Coimbra (Portugal)²; Eunice Baldé (Portugal)²; Patrícia Graça (Portugal)²

1 - Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra; 2 - SAMANEPOR

Na interseção do racismo com o sexismo, as mulheres negras e afrodescendentes vivenciam as formas múltiplas das desigualdades que sustentam o que é a nossa sociedade. Estudos indicam que mulheres racializadas têm maior mortalidade e morbidade, independentemente da classe social a que pertencem. Elas estão mais expostas à violência obstétrica e sobretudo, ao racismo obstétrico. Existem vários motivos para isso, mas o mais presente relaciona-se com o racismo estrutural que atravessa, também, o acesso aos cuidados de saúde, mas sobretudo, as relações entre as mulheres e as equipas de saúde.

Em termos sociopolíticos, Portugal tem-se colocado no panorama internacional como um lugar seguro para comunidades racializadas, onde o racismo não existe e a desigualdade social é apenas uma miragem. O passado colonial português permite, por vezes, fingir que este é um território onde o racismo se limita a pequenas interações entre indivíduos que rapidamente podem e devem ser ignorados. Contudo, o racismo estrutural não faz pausas. Muito menos nos blocos de parto. No que diz respeito às comunidades migrantes, os recém-nascidos têm um peso mais baixo à nascença, a feto-mortalidade é mais predominante assim como a taxa de mortalidade perinatal. O acesso aos serviços é limitada por barreiras sistémicas, mas também burocráticas. No caso de mulheres migrantes dos PALOPS, têm maior probabilidade de falecer devido a complicações relacionadas com o parto.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os resultados de uma investigação conduzida entre 2021-2023 sobre as experiências de gravidez, parto e pós-parto de mulheres negras e afrodescendentes em Lisboa, a partir de uma perspetiva interseccional. A partir de dados recolhidos através de questionários e entrevistas, apresenta-se de que forma o racismo e o sexismo se inter cruzam nestas experiências e como impacta a relação da mulher com os serviços de saúde e com a própria experiência de maternidade.

Palavras-chave : racismo, sexismo, violência obstétrica